

Revista Movimentos Sociais & Dinâmicas Espaciais

ISSN: 2238-8052

<http://www.revista.ufpe.br/revistamseu>

Artigo recebido em 28/04/2017 e aceito em 07/07/2017.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO- TAGUATINGA-DF

*PEDAGOGICAL PRACTICES IN GEOGRAPHY TEACHING: REPORT OF
EXPERIENCES IN THE FINAL YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION IN THE
SCHOOL OF THE TRADE-TAGUATINGA-DF SOCIAL SERVICE*

Daniel Rodrigues Silva LUZ NETO¹

RESUMO

O objetivo do trabalho é relatar a experiência na escola do Módulo de Educação e Cultura-SESC, localizada em Taguatinga, Distrito Federal. A metodologia é a pesquisa-ação, pois o proponente participa das práticas estudadas e busca aperfeiçoá-las, tendo optado pela observação, registro fotográfico, leituras de livros, fichamentos, oralidade dos educandos e execução dos planos de aulas. Em 2016, utilizou-se de diversos procedimentos teórico-metodológicos para tornar significativos os conhecimentos no ensino da Geografia na instituição referida. Assim, trabalhou-se com projetos pedagógicos, atividades em grupo, produção de material didático, exposição de projetos realizados em feira, bem como com o uso das novas tecnologias enquanto concepção teórica na perspectiva de construção de conceitos, partindo-se da realidade do educando com objetivo de uma formação humana integrada. Sendo-o fundamentado em: Vigotski, Paulo Freire, Lana Cavalcante, Milton Santos, Maurice Tardif e está estruturado em introdução, contexto socioeducativo, justificativa, metodologia, fundamentação teórica, resultados e considerações finais.

Palavras-chaves: Educação, práticas, pesquisa-ação, aprendizagem, pluralidade.

ABSTRACT

The objective of the work is to make a report on experience in the school of the Module of Education and Culture-SESC, located in Taguatinga, Federal District. The methodology is action research, since the proponent participates in the studied practices and seeks to improve them, having opted for observation, photographic records, reading of books, records, orality of the

¹ Mestrando em Geografia, Universidade de Brasília e professor de Geografia do SESC-DF. E-mail: danieltabuleiro1@gmail.com.

students and execution of the lesson plans. In 2016, several theoretical and methodological procedures were used to make the knowledge in geography teaching significant in the aforementioned institution. Thus, we worked with pedagogical projects, group work, production of didactic material, exhibition of work in fair, as well as with the use of new technologies as a theoretical conception in the perspective of concept construction, starting from the reality of the educando com Human formation. It is based on: Vigotski, Paulo Freire, Lana Cavalcanti, Milton Santos, and Maurice Tardif, and is structured in Introduction, Socioeducational Context, Justification, Methodology, Theoretical Rationale, Results and Final Considerations.

Keywords: Education, practices, action research, learning, plurality.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é relatar os procedimentos teórico-metodológicos realizados no ano de 2016 na escola Módulo de Educação e Cultura da instituição SESC-DF², através da metodologia da pesquisa-ação na prática educativa, levando em conta os impactos do atual contexto marcado pela globalização econômica.

No mundo globalizado se faz necessário refletir sobre como tornar os conhecimentos da educação geográfica significativos para os discentes, uma vez que esse momento histórico caracteriza-se como um período técnico-científico-informacional, em que as tecnologias e as informações circulam de maneira instantânea, através das constantes inovações técnicas nos ramos dos eletrônicos: internet, multimídias, computadores, celulares, tablets, TVs, jogos (Santos 2006). Os modelos tradicionais de práticas docentes, assim, têm sido questionados, pois novos equipamentos (computadores, celulares, televisão) passam a fazer parte tanto do cotidiano do aluno quanto da escola, fornecendo assim, múltiplas informações que competem com as instituições de educação escolar do básico ao superior. Nesse sentido, os colégios deixam de serem os únicos canais de construção de conhecimento.

De acordo com Lacoste (1977, p.26), “o discurso geográfico escolar que foi imposto a todos no fim do século XIX (...) continua a ser reproduzido hoje”. Esse modelo educacional pauta-se no modelo de sociedade capitalista burguesa que precisa de conteúdos produtivistas para garantir o *status quo*. Além disso, existem os fatores tais como a estrutura ainda relativamente deficitária, que prejudica o desenvolvimento de ensino significativo; os docentes precisam lidar com número insuficiente de salas de aulas, escassez ou ausência de aparelhos de *data show*, salas de vídeo, laboratórios de informática, laboratórios de ciência entre outros.

Em contrapartida, o SESC foi criado em 1946 com o objetivo de oferecer serviços básicos para a sociedade, como lazer, esporte, cultura e educação, sendo considerado como uma

² Serviço Social do Comércio é uma instituição do terceiro setor que presta serviços básicos para a sociedade, tais como saúde, educação, esporte lazer.

instituição do terceiro setor, tendo em vista sua identidade híbrida, na medida em que recebe tanto recursos públicos como privados. No campo educacional do Distrito Federal, a oferta desse serviço tem crescido: a região administrativa de Taguatinga, por exemplo, tem duas escolas do SESC, em que são oferecidos serviços educacionais da educação infantil ao ensino médio, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Como mostra a Figura 1, o Módulo de Educação e Cultura é uma escola do SESC, localizada na ÁREA Especial 2/3 Lote B Norte Taguatinga no Distrito Federal, que conta com aproximadamente 360 alunos nos anos finais do ensino Fundamental, e cujo projeto político-pedagógico adota a perspectiva sociointeracionista pautada teoricamente em Vigotski, Piaget, Wallon, Paulo Freire. Esse modelo de escola foca a formação dos educandos na perspectiva crítica, social e prática dos conteúdos escolares. Com a disciplina Geografia não é diferente: há uma exigência que o professor trabalhe não meramente os conteúdos teóricos, mas que crie estratégias para colocá-los em prática.

Figura 1: Escola Módulo de Educação e Cultura.



Fonte: Google Earth (acesso em: 28/02/2017).

Por meio da proposta da pesquisa-ação, modelo, em que o pesquisador analisa sua própria prática cotidiana, este trabalho pretende expor a prática do proponente durante o ano de 2016 na escola SESC de Taguatinga, tendo sido dividido em: contexto socioeducativo, justificativa, metodologia, fundamentação teórica, resultados e considerações finais.

2. CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

A construção do conhecimento geográfico, na perspectiva socioconstrutivista, dá-se através da orientação de conceitos escolares para interpretação do mundo, partindo-se dos saberes prévios dos alunos. Dessa forma, os professores de Geografia devem buscar práticas pedagógicas que levem o aluno a superar as suas dificuldades para a elaboração de conceitos científicos. Além disso, devem, também, contextualizar essas percepções numa perspectiva emancipadora e sempre vigilante, para não recair numa formação alienante na lógica competitiva e que reforce as desigualdades provocadas pela atual cenário (FREIRE, 2015).

A competitividade do capitalismo tem promovido um processo bárbaro de desigualdades sociais, que influi para diversos setores das dinâmicas espaciais, o campo educacional insere-se nessa lógica como possibilidade de disseminação ideológica de seus objetivos por estratégias de ensino que estimulem a formação humana individualista e, conseqüentemente, a competitividade como portas para o sucesso na vida. Isso tudo ocasiona a alienação da compreensão da realidade local com as forças dos atores globais que impõem seus interesses e implicam na produção do espaço (FREIRE, 2015).

De acordo com os documentos curriculares que baseiam a educação no Brasil, as práticas pedagógicas nos anos finais do Ensino Fundamental, no componente curricular da globalização da economia, direcionam-se para que haja uma articulação entre as escalas geográficas local/global, mostrando-se as múltiplas determinações e contradições existentes para os educandos (PCN, 1998; BNCC, 2015). No entanto, existe uma dificuldade para a execução de práticas que aliem teoria, currículo escolar e a realidade da sala de aula, principalmente em função das próprias limitações do professor em consequência de sua formação tanto inicial como continuada.

Para Kaercher (2004), a formação inicial dos professores tem ocasionado lacunas em relação a maior concentração no estudo teórico em detrimento das práticas pedagógicas empíricas, com reduzidas disciplinas na área de ensino, gerando assim lacunas na práxis para atuar em sala de aula. O autor afirma que existem dificuldades na preparação dos professores no Brasil, principalmente na estruturação teórico-metodológica no ensino superior, que acarreta prejuízos no ensino-aprendizagem decorrentes de práticas docentes desarticuladas e fragmentárias. Tudo isso tem ocasionado defasagens educacionais para a realidade brasileira, uma vez que tem prejudicado tanto o exercício da carreira docente quanto a orientação dos sujeitos para a cidadania.

Ademais, o financiamento da educação pelo Banco Mundial, de acordo com Libâneo (2012), tem exigido do sistema educacional brasileiro a manutenção da perversidade dada pela

prioridade do quantitativo de aprovação em detrimento da efetividade da aprendizagem. Assim, a escola passa a desempenhar o papel do conhecimento, para os ricos, e do acolhimento, para os pobres, e, assim, mantém a reprodução da classe dominante no poder na sociedade capitalista. Nesses moldes, adotou-se um currículo de conteúdos básicos para as escolas públicas, focando no assistencialismo, através do acolhimento social em detrimento dos conhecimentos científicos. Essa é a cartilha imposta pelos organismos internacionais na conferência Jomtien, que aconteceu na Tailândia, em 1990, e cujas diretrizes são adotadas há mais de vinte anos no Brasil.

Assim, o que norteou este trabalho foi a seguinte questão: quais são os impactos da aplicação de práticas de ensino diferenciadas nos anos finais do ensino fundamental na escola do Módulo de Educação e Cultura do SESC em Taguatinga Norte?

Considerando-se o contexto explicitado, buscou-se trabalhar com práticas diversificadas, como projetos pedagógicos, trabalhos em grupos, produção de materiais didáticos, exposições de trabalhos em feiras na instituição, e uso das novas tecnologias na sala de aula, bem como com a apropriação das concepções teóricas na perspectiva de construção de conceitos, partindo-se da realidade do educando com objetivo de uma formação humana integrada.

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho começou a ser pensado a partir das leituras e reflexões acadêmicas no Grupo de Ensino, Aprendizagem e Formação de professores de Geografia (GEAF-UNB), na Universidade de Brasília, UnB. Além disso, havia a necessidade do proponente ressignificar sua prática pedagógica, decorrente de lacunas da formação e da prática docente. Assim, buscou-se alternativas teórico-metodológicas para articular às práticas tradicionais com as práticas inovadoras.

Como fundamentação teórica discutiu-se no Geaf-UnB autores como: José Carlos Libâneo (2006), Alice Casemiro (2011), Vigotski (2008), Maurice Tardif (2012), Pierre Lévy (2009), e Paulo Freire (2015) levou-nos a questionar as práticas pedagógicas atuantes do professor de Geografia, tendo em vista que boa parte delas aponta para a existência da preponderância dos modelos tradicionais de ensino. Estes modelos são pautados na memorização, fragmentação dos conteúdos, e na verticalidade da prática docente. Além disso, o proponente percebeu a necessidade de elaborar novas estratégias na sua ação docente, buscando aperfeiçoá-la através de um relato de experiência da realização de uma pesquisa-ação da própria atividade pedagógica no ensino de Geografia, levando em conta a necessidade de superar lacunas deixadas na formação iniciada e continuada no percurso acadêmico e na atuação docente. Nesse sentido,

trabalhos de relatos de estratégias de ensino-aprendizagem são fundamentais para ressignificar o ensino de Geografia.

A relevância acadêmica do trabalho decorre de se discutir o distanciamento que hoje existe entre a formação do aluno na universidade que será futuro professor e desta desarticulação existente entre os saberes acadêmicos e saberes do cotidiano da sala de aula. Dessa forma, deixa-se lacunas que serão identificadas na práxis cotidiana dos docentes no processo de ensino-aprendizagem (CAVALCANTI, 2012).

A sociedade toda ganha se houver melhorias no campo educacional, e este trabalho pode contribuir no sentido de evidenciar a necessidade da reestruturação de modelos teórico-metodológicos no ensino de Geografia, as quais se seguem, conseqüentemente, melhorias na formação cidadã e para o mercado de trabalho.

4. METODOLOGIA

A pesquisa-ação é o método adotado neste trabalho, pois o proponente visou um estudo da própria prática com o objetivo de aperfeiçoá-la. Deste modo, esse processo metódico tem como característica a realização de estudos sistemáticos dos resultados do trabalho executado, e, depois de feitas essas análises, a tentativa de aprimorar por meio de estratégias que visem contribuir com o melhoramento dos resultados esperados nos processos traçados pelos sujeitos (TRIP, 2005).

Para Trip (2005, p. 447), “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática”, de maneira que a reavaliação das condutas deve ser constante, tanto em relação a seus aspectos práticos, quanto aos que dizem respeito à produção científica, na medida em que constitui um processo de mão única em que tais elementos devem estar atrelados para que se possa obter um processo de construção de conceitos e, conseqüentemente, melhoramento da práxis no cotidiano dos profissionais, e na realização de suas atividades como um todo.

A relevância da pesquisa, como supracitado, dá em virtude de compreender os caminhos percorridos para chegar aos resultados das mediações pedagógicas. No ramo da educação, uma possibilidade em potencial, sugerida pelo autor aludido, seria elaborar por meio da construção colaborativa, o que, ao mesmo tempo, exigiria proatividade do educando no processo de ensino-aprendizagem, bem como o acato, por parte do educador, de sugestões para melhoria dos métodos, processos e resultados.

A pesquisa-ação é um caminho para os pesquisadores, que também estão envolvidos no processo de resolução de problemas. Nesta perspectiva, as suas propostas de pesquisa visam

diagnosticar e prognosticar os dilemas por meio de uma atuação metódica colaborativa em prol da resolução e/ou melhoramento das situações propostas no trabalho a ser realizado pelo pesquisador.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vários desafios são hoje vividos em sociedade, família, Estados e municípios, que precisam criar novas estratégias para tornar os conhecimentos escolares mais significativos. Tais eventos têm exigido dos professores habilidades múltiplas para enfrentar os diversos percalços na tentativa de ir à contramão da imposição do mundo da globalização neoliberal (BENTO, 2014,). Entretanto, ao mesmo tempo, abrem-se novas possibilidades que devem ser exploradas, pois, de acordo com Bento (2014), devemos resistir às dificuldades. Contudo, salienta-se que os educandos estão inseridos numa realidade tecnológica, e marcados pelas desigualdades, desestrutura familiar, perda de identidade e falta de plano de vida. Assim, na mesma medida em que os pais enfrentam as dificuldades de educar seus filhos, os docentes devem criar novas estratégias para tornar os conhecimentos científicos significativos e atrativos para que se possa permite o pensamento crítico e atitudes para a cidadania.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN, o ensino tem como objetivo a organização de conteúdos que permitam ao aluno realizar aprendizagens significativas (BRASIL, 1998). Para Moreira (2006) a aprendizagem significativa é uma concepção contida na teoria de David Ausubel que enfatizam a necessidade de considerar os conhecimentos prévios do aluno e o meio geográfico no qual ele está inserido.

Já nos PCN, esse documento, dá essas orientações para que todas as escolas brasileiras possam adotar modelos similares em torno de uma meta comum, a de tornar as aprendizagens internalizadas no corpo discentes dos 'brasileirinhos (as)' de maneira que realmente sejam consideradas e utilizadas significativamente pelos sujeitos em seus mais diversos territórios (BRASIL, 2006, p. 26).

Para que a escola seja um lugar de prazer, alegria e aprendizagem é preciso mudar de postura e metodologia. Os educandos, em sua maioria, gostam da escola, mas não gostam das aulas, uma vez que a associa a um espaço repressor. Nas palavras de Alves (1994, p.11),

O meu palpite é que, se se fizer uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles terão muito que falar sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas serão as referências à alegria de estudar, compreender e aprender (ALVES, 1994, p.11).

Aprendizagem significa a organização e integração dos materiais empossados pela estrutura cognitiva. Além disso, novos e antigos materiais podem ser modificados de acordo com a necessidade e sistematização cognitiva anterior, se foram assimilados pelo cérebro do indivíduo. Moreira (1982, p.6) define a aprendizagem significativa:

Aprendizagem significativa processa-se quando o material novo, ideias e informações que apresentam uma estrutura lógica, interagem com conceitos relevantes e inclusivos, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo por eles assimilados, contribuindo para sua diferenciação, elaboração e estabilidade. (Moreira, 1982, p.6).

Portanto, o ensino de Geografia na contemporaneidade pode se dar através da manutenção das práticas tradicionais, ou através da busca de um caminho político de mudança social dos sujeitos no processo de ensinar por intermédio de novas perspectivas e metodologias de ensino-aprendizagem. Ratificando essa ideia, Cavalcante (2010, p.01) afirma:

Em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos. Outros pautam seu trabalho pelo desejo permanente de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos que ensinam, envolvendo seus alunos e articulando intencionalmente seus projetos profissionais a projetos sociais mais amplos (CAVALCANTE, 2010, P.01).

As condutas pedagógicas tradicionais têm sido reforçadas, também, pelas políticas neoliberais em prol da manutenção das classes sociais. E a Geografia tanto como ciência quanto como disciplina escolar vem seguindo tais perspectivas, assim, ela tem repetido esses moldes educacionais emergidos no final do século XIX pautados na memorização, fragmentação, desarticulação dos saberes e identificação dos elementos espaciais em favor da construção de nacionalidade e dos interesses dos capitalistas. Isso tudo, vêm prejudicando os processos teórico-metodológicos da Geografia Escolar e da Geografia acadêmica (LACOSTE, 1997).

Para a mediação da aprendizagem significativa torna-se necessário que o indivíduo se aproprie de estruturas cognitivas prévias. Para Ausebel (2000) os subsunçores são essas estruturas prévias como palavras, conceitos, símbolos, números, regras, formulas. Eles servem de estrutura para que ocorram processos como assimilação e cognição, assim, cria-se o ambiente favorável para a aprendizagem significativa. Esses novos itens encontram-se elementos que dão importância aos aparatos apresentados, então, desta maneira haverá maturação dos conhecimentos e servirá de subsídio para um novo suporte cognitivo, porém, que seja agora significativo para os sujeitos da aprendizagem (MOREIRA, 2006).

Já na concepção de Vigotski (2008), pauta-se na teoria do desenvolvimento proximal, mas não é a mesma concepção de Ausubel, pois, segundo o autor, deve-se trabalhar com a ideia

que o aluno chega na escola com conhecimentos. Nesse sentido, o professor deve ser o mediador das relações pedagógicas, ou seja, trabalhar com conhecimento real, que o aluno já possui, em conjunto com os conceitos a serem desenvolvidos no ambiente escolar, considerados alvos dos objetivos traçados nos planos e currículos escolares.

Para Freire (2015), a valorização dos saberes prévios dos educandos como princípio para construir uma aprendizagem significativa rompe com os conhecimentos verticalizados de cima para baixo, denominados, pelo autor, de educação bancária (FREIRE, 1996).

Portanto, a educação exerce um grande papel social para que as sociedades continuem se desenvolvendo e evoluindo por intermédio do ensino-aprendizagem, crítico e significativo para o cotidiano dos sujeitos. Para Libâneo (2006, p. 16), “(...) a prática educativa- é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e o funcionamento a todas as sociedades”.

6. RESULTADOS

Durante um ano de docência no Módulo de Educação e Cultura do SESC-DF, foram aplicadas algumas práticas pedagógicas para tentar melhorar o ensino-aprendizagem nesta instituição. Além disso, tentou-se buscar novas metodologias de ensino, tendo em vista a exigência da nova geração de educandos, denominada de geração Y, caracterizada pelo fácil acesso a informações (ROCHA, 2012).

Por isso, este trabalho é um esforço da práxis, ou seja, a junção do teórico com a prática por meio de aplicação no chão da escola e leituras-reflexões acadêmicas discutidas no Grupo de Ensino, Pesquisa e Formação de Professor de Geografia-GEAF no curso de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Assim, ele se constituir de relatos de experiência na escola citada acima.

Os resultados seguem-se a seguinte ordem: uso pedagógico da música, produção de banner, pedagogia dos projetos, novas tecnologias, participação em eventos científico-culturais e uso do portfólio.

6.1. Trabalho com música no ensino de Geografia

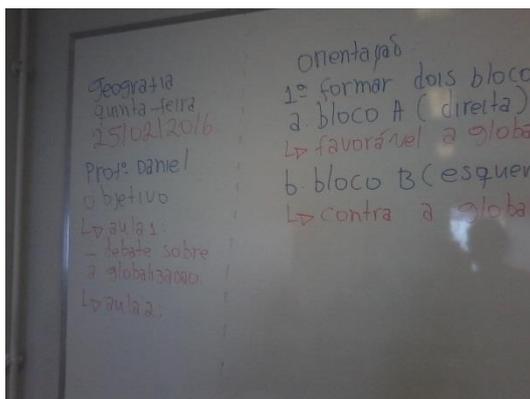
Para Fonseca (2016), o uso da música em sala de aula estimula vários aspectos cognitivos do aluno, além dos conteúdos, pois instiga a curiosidade, auxiliando a assimilar os conteúdos de maneira mais efetiva. Além disso, a música influencia o ser humano tanto

fisicamente como mentalmente, e promove um clima mais descontraído no processo de ensino-aprendizagem, bem como melhorando a relação entre professor e aluno.

A prática de aula de música em sala desenvolve habilidades, define conceitos e conhecimentos e estimula o aluno a observar, questionar, investigar e entender o meio em que vive e os eventos do dia a dia, através da musicalidade. Além disso, estimula a curiosidade, imaginação e o entendimento de todo o processo de construção do conhecimento de forma sonora e descontraída. (FONSECA, 2016, p.01).

Assim, algumas aulas foram planejadas com base nesse modelo, os materiais utilizados nessa prática foram o quadro branco, caixa de som, pen drive, Xerox da letra da música, e os cadernos dos educandos. Os passos para a realização da aula, estimada em 50 minutos, foram: exposição do objetivo e do tema, divisão da turma em dois blocos, entrega das letras das músicas, leitura silenciosa, anotação de cinco palavras do texto da melodia, escuta da canção no coletivo, palavra do docente, início do debate escolhido pela chamada (Figuras 2 a 5).

Figura 2: Organização do debate.



Fonte: acervo do pessoal do autor, 2016.

Figura 3: Grupo de discussão.



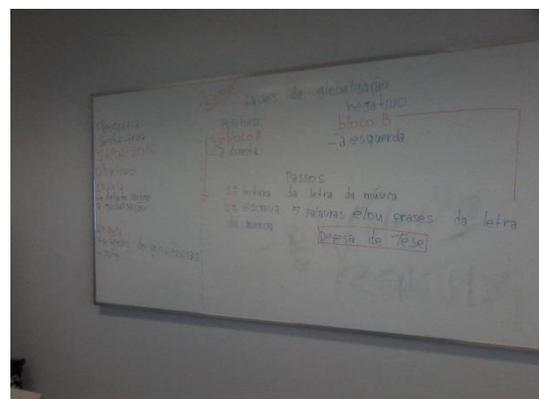
Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 4: Mediador aprendizagem.



Fonte: acervo pessoal do autor, 26/02/2016.

Figura 5: Objetivos da aula.



Fonte: acervo pessoal autor, 26/02/2016.

Percebe-se, ainda, que a utilização da música nas aulas difere entre turmas numa mesma instituição, ou seja, existe um clima organizacional na assimilação da proposta do educador com essa prática pedagógica. Com algumas turmas, há maior colaboração na participação, na construção e verificação da aprendizagem do conteúdo proposto na aula. Neste caso, o conteúdo foi o da geopolítica com a música *Armas Químicas* da banda Engenheiros do Hawaii.

Essa percepção empírica e prática dos professores em sala de aula são afetadas, também, pelos aspectos sociais, estruturais e psicológicos do ambiente escolar, bem como pelas próprias condições macroestruturais do educador. Para Cavalcanti (2012, p.88), “a prática do ensinar é realizada por sujeitos que possuem experiências pessoais, emoções, crenças, conhecimentos acadêmicos e conhecimentos cotidianos, que são acionados no processo de trabalho”. Portanto, essas percepções e dinâmicas diferenciadas são frutos desses processos sistêmicos que se materializam na sala de aula: de um lado as necessidades, dos educandos e de outro a parte psicossocial do professor.

Dessa forma, como mostra as imagens acima, o planejamento é uma parte essencial para que realmente aconteça o processo do ensino aprendizagem. Entretanto, deve ser sempre amarrado aos conteúdos explicitados no currículo, mas também político, essa deve ser uma das funções da escola na concepção freiriana.

6.2. Painel-banner

Foi realizada a produção de *banner* com as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, no dia 29/02/2016, com o objetivo de tornar o conteúdo de Geografia mais palpável para os educandos no que tange ao tema do Índice de Desenvolvimento Humano- IDH.

A metodologia de produção realizou-se de maneira a criar condições para os alunos analisarem criticamente o conceito de IDH e seus aspectos constitutivos já trabalhados na aula anterior. A estratégia utilizada foi a de trabalho em grupo, com um líder à frente para coordenar e articular com o professor regente da sala. O material utilizado foi: cartolina, tesoura, cola revistas, e jornais, e, posteriormente, cada grupo apresentou seu trabalho (ver figura 6 e 7).

Figura 6: Produção de Banner.



Fonte: acervo pessoal, 29/02/2016.

Figura 7: Produção de Banner.



Fonte: acervo pessoal, 29/02/2016.

Os educandos, a partir da separação em grupos, fizeram uma análise metodológica crítica do tema, considerando as contradições existentes nos fenômenos sociais, e realizaram os seguintes procedimentos metódicos para entender a temática proposta pelo educador: debateram o tema com os colegas, observaram as imagens dos jornais e revistas, recortaram, colaram e, posteriormente, apresentaram. Essa prática pedagógica baseou-se na abordagem da construção dos conhecimentos de maneira sociointeracionista de Vigotski (2008), que leva em conta os conhecimentos prévios dos alunos, para que, depois, com a mediação do professor, possa-se atingir seu potencial na aprendizagem nas aulas de Geografia e demais disciplinas escolares.

Por isso, essa prática da produção com materiais para se trabalhar temáticas nas aulas de Geografia, apesar, de ser um método tradicional que vêm sendo usado por professores mostrou-se relevante. Isso, pois, observou que os alunos seguindo o plano de aula proposto e com os materiais houve um grande envolvimento de todos com poucas exceções. Uma vez que cada sujeito largou mão de alguma habilidade já adquirida em etapas anteriores, isto é, como: desenhar, pintar, colar e oralidade nas apresentações.

6.3. Pedagogia dos projetos

A pedagogia dos projetos é uma proposta metodológica que tem como objetivo trabalhar temas do cotidiano dos educandos partindo da curiosidade dos sujeitos envolvidos nos processos educativos. Dessa forma, eles serão protagonistas nas escolhas dos temas, na pesquisa, elaboração e apresentação do trabalho realizado durante o seu percurso. Cabe ao

mediador, o professor, o processo de tirar as dúvidas, auxiliar nas pesquisas, traçar rumos, motivá-los e indicar fontes e meios de se chegar aos resultados esperados.

De acordo com Khaoule (2013), a pedagogia de projetos baseia-se na problematização da realidade que vai além dos conteúdos ensinados pelos professores de Geografia, permitindo que, a partir do momento em que o aluno se depara com um problema, ele possa desenvolver senso crítico, reflexivo sobre a realidade em que se insere. Para Lopes (2011), existem várias escolas que utilizam a proposta da pedagogia dos projetos na base curricular, de maneira conjugada às disciplinas obrigatórias da grade escolar. Isso precisa ocorrer não necessariamente partindo-se da perspectiva convencional de um problema do aluno, mas, sim, mantendo-se o cerne da concepção de integração dos saberes escolares por intermédio das realizações de atividades que exijam trabalho em equipe, sejam dos professores e/ou dos educandos.

Trabalhou-se também com a construção e execução de um projeto denominado de intercontinental, para o qual foram escolhidos dois continentes para serem estudados, o continente asiático e americano. Houve uma seleção dos países em sala de aula, através de eleição na qual as turmas puderam escolher um país. Os procedimentos para execução das atividades foram: painéis, dança, música, objetos característicos deste, caso houvesse.

Observou-se, através da exposição dessas elaborações, que os alunos tiveram um grande envolvimento na produção de sua pesquisa. Nesse sentido, a proposta destas tarefas estimulou a interação social entre os grupos e as turmas, promoveu uma aprendizagem significativa, e além de ter incentivado a resolução de problemas.

Os alunos foram divididos em grupos, de maneira que ficassem com um tema determinado através de sorteio, para não gerar conflitos. Por intermédio dessa divisão, eles fizeram suas produções e pesquisas em casa, articuladas por uma liderança. O docente articulou-se com a gestão da escola para verificar a viabilidade da execução dos trabalhos e também para estudar a logística no dia das apresentações. Assim, foram planejadas as apresentações das três turmas em cada dia, de maneira que todas as turmas da mesma série houvesse uma interação na perspectiva teórica do Vigotski do sociointeracionismo.

Num dia das exposições, uma aula foi destinada à montagem dos painéis, e outra às excursões do roteiro planejado. Assim, o projeto foi executado com êxito. Abaixo, as fotos tiradas nos dias do andamento do projeto (Figuras 8 a 11).

Figura 8: montagem.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 9: exposição.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 10: culinária.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 11: curiosidades.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Em suma, os trabalhos realizados pelos próprios educandos foi bem sucedido em sentido educativo, interpessoal, e socioafetivo. Observou-se grande envolvimento dos estudantes em atividades como essas, que extrapolam o uso da sala de aula. O ato de pesquisar, organizar, produzir materiais, e fazer parcerias com os colegas faz com que ocorra processos educacionais colaborativo, e, permite-se que os alunos construam uma aprendizagem significativa na concepção de Ausubel, interacionista em Vigotski e transformador pela problematização na teoria freiriana.

6.4. Novas tecnologias aplicadas ao ensino de Geografia

Para Lévy (1999), vivemos atualmente uma cibercultura propiciada pelo ciberespaço, que é constituído por um conjunto de redes de hardware e software interconectados pela internet. Nesse sentido, a nova geração, emergida após a década de 1990, caracteriza-se pela tecnologia. Assim, surgiu a ideia de trabalhar com um segundo projeto, no ano de 2016, que foi denominado “novas tecnologias no ensino de Geografia: experiência com o karaokê”. Esta atividade propunha justamente trabalhar com as novas tecnologias em prol da construção dos

conhecimentos geográficos mediados pelas tecnologias da informação e comunicação. Duas temáticas foram trabalhadas no ensino de Geografia, primeiro o conhecimento do continente africano e, posteriormente, a formação étnica do Brasil tendo-se como problematização causas e consequências do racismo.

As turmas escolhidas para trabalhar nessa proposta foram, também, os 8º e 9º anos dos anos finais do ensino fundamental, totalizando cerca de cento e vinte alunos envolvidos no projeto que foi desenvolvido durante dois meses, Outubro e Novembro, que foram dedicados à exposição, preparação, estudos e apresentação. Assim, as turmas dos 8º anos e 9º anos C, D e E foram divididas em três grupos para elaborar frases e cantar uma música no karaokê, totalizando o tempo em minutos de 05 para cada grupo e 15 para a turma, com a possibilidade de divisão em duas aulas.

Os grupos elegeram um aluno para cantar em sala através de um teste, dando oportunidade para todos, e os demais participantes produzissem frases em cartazes para serem exibidos no final da apresentação do karaokê. De imediato, trabalhou-se em sala de aula a transcrição do trabalho na lousa, expondo todas as etapas, perspectivas teóricas metodológicas, bem como o cronograma. Posteriormente, começou-se a trabalhar os ensaios em dias específicos nas salas de aulas que estavam desocupadas, com a devida permissão dos coordenadores.

Em virtude de ser uma atividade que foi avaliada, decidiu-se também acrescentar outras tecnologias mais tradicionais, como produção de painel que enfoque em desenhos que tratasse da temática. Nesse sentido, buscou-se apoio também dos orientadores (as) para se conseguir os materiais necessários em prol dessas produções dos educandos. Tal atividade provou-se produtiva, uma vez que os alunos envolveram-se com as etapas da confecção dos painéis: cortar, colar, desenhar, pintar, tricotar. De fato, o envolvimento com esse tipo de atividade é muito mais intenso do que em uma aula tradicional, expositiva e de resolução de exercícios.

A preparação do karaokê foi realizada pelo menos uma vez na semana em cada turma, em três salas, uma vez que se formaram três grupos diferentes. O proponente ficou a cargo de observar e anotar o desenvolvimento e a participação de todos os educandos, bem como supervisionar eventuais ocorridos que fugissem ao planejamento da atividade.

Na etapa do ensaio, notou-se grande envolvimento dos discentes, bem como algumas dificuldades, que também foram superadas. Houve grande euforia ante a possibilidade de se trabalhar com música, fugindo à rotina tradicional das aulas, o que provocou certa dispersão; com alguns ensaios, contudo, as turmas integraram-se melhor, e os próprios alunos criaram estratégias para executar da melhor forma possível o projeto através do processo de aprendizagem colaborativa.

Foi necessário estabelecer um contrato pedagógico com os discentes para lidar com algumas dificuldades, por exemplo, controlar a saída para ir ao banheiro, e evitar que alguns

ficassem no corredor prejudicando outras aulas; assim, o contrato estabelecia que eles deveriam sair da sala apenas um de cada vez, bem como ajudar a organizar a sala para a atividade e a limpá-la depois do uso, e os que não seguissem as regras seriam suspensos seriam penalizados no processo avaliativo. Os percalços, portanto, não superaram o êxito do trabalho, nem a construção de conceitos geo-históricos através do karaokê.

Nas apresentações, observou-se um envolvimento intenso com as músicas e, a posteriori, também com as exposições de painéis feitas pelos próprios educandos. Verificou-se que a utilização das novas tecnologias em sala de aula estimulou seu senso crítico e participação mais pró ativa nas aulas de Geografia no projeto e depois de sua execução na escola conforme as Figuras 12 a 15.

Figura 12: Apresentação karaokê.



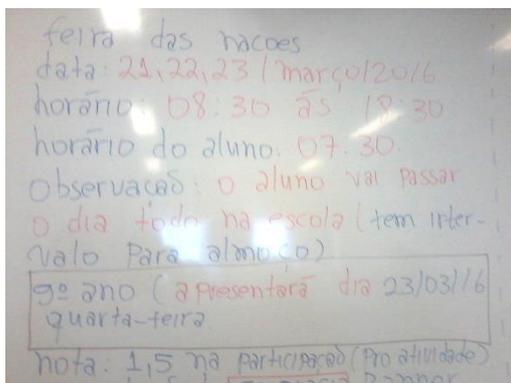
Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 13: Apresentação no karaokê.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 14: Ensaio.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Figura 15: Ensaio.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

6.5. Apresentações de trabalhos em eventos científicos e culturais

Outra estratégia, utilizada pela instituição de ensino, e incentivada pelo corpo docente, bem como pelos professores de Geografia é a participação em palestras sobre temas geográficos e transversais. Existe, é claro, o cuidado em selecionar um palestrante que, para além do domínio teórico do assunto, saiba adequar-se ao público específico desta faixa etária e/ou segmento da educação básica (Figura 16).

Figura 16: Palestra de reciclagem do plástico.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2016.

Por meio dessa proposta pedagógica de trazer palestrantes, percebe-se grande envolvimento e empolgação dos educandos, por estarem recebendo novas informações de pessoas diferentes daquelas com as quais estão acostumados no cotidiano escolar. O momento acaba sendo de euforia, a princípio porque estão cansados da rotina das aulas que, em sua maioria, seguem os moldes tradicionais (exposição oral, resolução de exercício, copiar resumos). Contudo, o resultado desses eventos é que a curiosidade leva-os a focar mais atenção e a interagir com as temáticas das palestras ministradas. Pode-se afirmar, portanto, que esse recurso didático é extremamente válido e construtivo para os conhecimentos geográficos.

6.6. Uso do portfólio no ensino de Geografia

De acordo com Pereira (2013), o portfólio oferece oportunidade de construção do conhecimento científico numa perspectiva auto construtiva, isto é, permite que, durante o percurso de sua aprendizagem, o educando reflita sobre o seu próprio processo de crescimento, de maneira a possibilitar que o professor observe as peculiaridades dos educandos no cumprimento dos objetivos educacionais, além de constituir recurso de constante reflexão.

Usou-se o portfólio com o objetivo de avaliar os educandos a partir de novos métodos, como recurso didático no decorrer das produções bimestrais, escritas e/ou digitalizados no Google-Drive, observando-se os percalços e os avanços no percurso do processo educativo. Na data marcada para entrega do portfólio, os alunos foram divididos em fileiras em forma de aplicação de prova, para que o colega pudesse avaliar o trabalho do outro, permitindo-se que, através da correção destas atividades, eles ficassem mais atentos as suas próprias elaborações de conhecimento escolar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Tardif (2012), o professor é constituído de vários aspectos: social, experiência de vida, formação inicial, formação continuada e experiência na sala de aula. Nesse sentido, as práticas aqui executadas deram-se em virtude de diversas experiências e formações, bem como de problemas e superações durante um ano de experiência, em 2016, no Módulo de Educação e Cultura.

Este trabalho de um ano de pesquisa-ação na escola devida escola foi riquíssimo do ponto de vista das leituras que foram realizadas no grupo Geaf-Unb, e também da atuação em sala de aula. Todavia, as reflexões levaram-nos a procurar buscar novas estratégias para que o ensino de Geografia pudesse extrapolar aos modelos meramente tradicionais (exposição oral, resolução de exercício, leitura do livro didático). Nesse sentido, justifica-se a necessidade deste trabalho, leitura, reflexão, prática e registro.

A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa-ação, que se baseia na proposição de que o próprio pesquisador analisa sua atuação profissional no campo em que exerce sua função. O principal objetivo deste tipo de pesquisa é o aperfeiçoamento dos modelos teórico-metodológicos em prol de que se exerça uma atividade com competência. Aqui, analisou-se a atuação em sala de aula do proponente deste trabalho no ensino de Geografia, conjuntamente com os procedimentos teórico-metodológicos das leituras, análises, práticas, problematizações, estratégias, gestão e resultados socioeducativos.

A fundamentação teórica utilizada neste trabalho dá-se no campo acadêmico interdisciplinar: Sociologia, Filosofia, Educação, Geografia, com destaque aos seguintes autores: Ausubel (2000), Cavalcanti (2010), Freire (2015), Libâneo (2006), Trip (2005), e Tardif (2012).

De Ausebel (2000), apropriou-se da ideia da aprendizagem significativa, ou seja, o ensino deve ser conduzido a partir de uma estrutura existente no cognitivo do aluno. Deste ponto de partida, surgem novos elementos dos conhecimentos lecionados, permitindo, assim, que o aluno ancore os conceitos preexistentes aos novos, tornando-se significativos.

De Cavalcante (2010), angariou-se a ideia de se trabalhar conceitos de Geografia partindo-se da realidade do educando, para formar um cidadão crítico e participativo na sociedade. Já para

Para Freire (2015), a escola tem uma função social importante de emancipar os sujeitos, e isso pode ser feito partindo-se do rompimento de modelos de educação bancária, e possibilitar um processo em que os alunos sejam considerados como dotados de saberes, que podem ser transformados em saberes mais bem trabalhados, quando a escola conjuga-os aos conhecimentos científicos descritos nos currículos escolares.

Libâneo (2006) trabalha com uma ideia fundamental do objetivo educacional, que é a formação de cidadãos. Para ele, a escola deve se ater a isso, planejar e executar estratégias pedagógicas que contemplem a formação humana integral e crítica de seus processos socioeducativos.

Tardif (2012) por sua vez concebe a prática educativa como sendo fruto de um conjunto de fatores que a definem sua execução e cumprimento de suas funções sociais. Para ele, a prática docente é influenciada por diversos fatores como: família, local, escola, Estado, município e país em que atua o docente.

Em suma, os trabalhos realizados durante o ano de pesquisa-ação no Módulo de Educação e Cultura envolveram o relato de histórias, música, produção de painel, pedagogia dos projetos, novas tecnologias adotadas no ensino de Geografia, palestras, e portfólios, que proporcionaram muitas experiências exitosas para o público discente, como também para o proponente deste trabalho.

Constatou-se que a formação continuada fez a diferença nesse relato de experiência de um ano, uma vez que se aplicou concepções teórico-metodológicas diversificadas no ensino de Geografia na escola referida. Isto é, a inserção no Grupo Geaf-UnB foi um divisor de água para a realização de práticas alternativas no ensino desta disciplina, que antes estava mais no palco da necessidade e da vontade, mas as lacunas na formação inicial e continuada impedia-se a viabilização de tais procedimentos teóricos-metodológicos na atuação docente na educação básica.

As leituras e reflexões sobre a prática docente, ensino de Geografia, estratégias de ensino, currículo, políticas educacionais e formação docente permitiram a resignificação da prática pedagógica em sala de aula, tendo em vista que, para alcançar êxito na práxis, faz-se necessário a junção entre a teoria e a prática. Assim, pode-se observar, através desta junção, um aperfeiçoamento na atuação pedagógica na sala de aula deste proponente.

Portanto, embora haja, de fato, diversos percalços no sistema educacional brasileiro, cabe ao professor, como afirma Cavalcanti (2012), entender esses processos e angariar forças e estratégias para transformar a realidade na qual atua. Por isso, o professor deve reconhecer que

existem problemas estruturais, internos, teóricos, de formação, estratégicos, sociais, familiares, individuais, porém por intermédio de luta política e busca de formação continuada pode contribuir para a transformação social e do contexto educacional no qual está inserido. Em fim, como diz Freire (2015), educar é um ato político e também de eterno aprendizado, por isso, deve-se capacitar os sujeitos sempre angariado em embasamento teórico-metodológico que possibilite ensiná-los a lê o mundo e, conseqüente, criar atitudes para transformá-lo.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David P. *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Lisboa: PARALELA EDITORA, LDA, 2000.
- ALVES, Rubem. *Alegria de ensinar* (a). 3ª ed. São Paulo: ARS POETICA EDITORA LTDA, 1994
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BENTO, Izabella Peracini. *ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: pautas contemporâneas em debate*. Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 4, n. 7, p. 143-157, jan./jun., 2014.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: AVANÇOS, CAMINHOS, ALTERNATIVAS* In: *ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais*, Belo Horizonte, novembro de 2010.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos... [et al]. *Geografia em Sala de aula: práticas e reflexões*. -5. ed. -Porto alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre, 2010.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de currículo*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. -3ªed.rev. e ampla. - São Paulo: Atlas, 1995.
- FONSECA, Solange Gomes Da. *A Música na Sala de Aula: um recurso facilitador para o ambiente na hora do ensinar/aprender*. Disponível em: <<http://ntmterranova.blogspot.com.br/p/importancia-da-musica-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em 25 de Fev. de 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa*. - 52ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREITAS, TÂNIA MARIA DE. *A expansão urbana no Distrito Federal e a dinâmica do mercado imobiliário: o caso do Gama*, 135 p., 297 mm, (UnB-GEA, Mestre, Gestão Ambiental e Territorial, 2013). Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Departamento de Geografia.
- LEITE, Cristina Maria Costa. *O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental*. Brasília: UnB, 2012. Dissertação (mestrado)- Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- KHAUOLE, Anna Maria Covas; Souza, Vamilton Camilo de. *DESAFIOS ATUAIS À FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA*. In: Silva, Eunice da; Pires, Lucineide Mendes (Org.). *DESAFIOS DA DIDÁTICA DE GEOGRAFIA*. Goiânia: ed. da PUC Goiás, 2013.
- KAERCHER, Nestor André. *A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica*. 2004, tese (doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os*

- pobres. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.
- MOREIRA, Marco Antônio. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.
- _____. *A teoria da aprendizagem significativa e suas implementação em sala de aula*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- OLIVEIRA, Marlene Macário. *A GEOGRAFIA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO ENSINO*. *Revista Discente Expressões Geográficas*. Florianópolis – SC, Nº02, p. 10-24, jun/2006 www.cfh.ufsc.br/~expgeograficas.
- ROCHA, de Oliveira, Sidinei; PICCININI, Valmiria Carolina; BITENCOURT, Betina Magalhães. *Juventudes, gerações e trabalho: É possível falar em geração Y no Brasil?*. *Organizações & Sociedade*, v. 19, n. 62, p. 551-558, 2012.
- PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. *TÃO LONGE E TÃO PERTO: OS ENTRELANCES DA UNIVERSIDADE COM A ESCOLA*. In: Souza, Vamilton Camilo de. *DESAFIOS ATUAIS À FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA*. In: Silva, Eunice da; Pires, Lucineide Mendes (Org.). *DESAFIOS DA DIDÁTICA DE GEOGRAFIA*. Goiânia: ed. da PUC Goiás, 2013.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço; técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- _____. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2006.
- TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- TARDIF, Maurice. *SABERES DOCENTES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL*. 14.ed.- Petrópolis, RJ: vozes, 2012.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente*. Tradução José Cipolla Neto e outros. 1991.
- _____. Lev Semenovitch. *PENSAMENTO E LINGUAGEM*. Tradução Jeferson Luiz Camargo . 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.